



EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O ENSINO DE QUÍMICA: TECENDO O PERFIL DOS FORMANDOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA – UEG.

Iago Silva Oliveira Lura (IC)¹, Edna Duarte Souza (PQ)².

iago.ph@gmail.com

1,2 Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo / Curso de Licenciatura em Química.

Resumo: A presente pesquisa foi realizada com acadêmicos dos últimos quatro períodos do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo. Ao total, 26 acadêmicos participaram da pesquisa, os dados coletados para esse estudo foram obtidos por meio de um questionário semiestruturado. A pesquisa foi desenvolvida pelos participantes do projeto de pesquisa “Formação e desenvolvimento profissional docente no ensino superior – contextos e trajetórias”. A educação tem um papel importante na sociedade, mesmo que não seja a única influenciadora do meio social, presta um fundamental serviço: preparar as próximas gerações para a manutenção do espaço em que vivemos. Diante de um mundo com diversas formas de expressão, é preciso que os docentes estejam prontos para lidar com as peculiaridades de cada indivíduo que tiver contato, respeitando suas especificidades e fornecendo os quesitos necessários para o seu desenvolvimento. Assim sendo, através deste, buscou-se traçar o perfil dos acadêmicos, que estão na fase final da graduação, no que diz respeito a inclusão.

Palavras-chave: Formação de Professores. Inclusão. Ensino de Química. Necessidades Educativas Especiais.

Introdução

Pensar na construção da estrutura social é pensar e refletir sobre a complexidade que a mesma possui, essa complexidade é fruto da composição que a sociedade apresenta. Inquestionavelmente, a maior marca humana é a diferença. Para se ter uma sociedade que contemple todas as formas de expressão humana ainda temos que percorrer um longo caminho e como bem defende Carneiro (2015)

A mudança social é algo processual, naturalmente lento e dependente de conjunturas, que não acontece por decreto. Para imaginar uma sociedade



inclusiva no sentido pleno do termo, temos que criar condições reais de convivência de todos com todos (p. 32).

O ambiente escolar é uma pequena parcela da sociedade que contém as características do todo. Fazendo ressoar Carneiro,

A escola é, dentre outras coisas, um seguimento social que tem como elemento fundamental a reunião de indivíduos diferentes em um mesmo espaço com objetivos definidos de ensino e aprendizagem do que foi acumulado pela humanidade ao longo da história. (2015, p. 32).

Destarte, os problemas enfrentados no seio social, ocorrem também nos perímetros escolares. Em sala de aula, um dos grandes problemas enfrentados frente a educação inclusiva é o despreparo docente, este despreparo possivelmente está relacionado a diversos fatores, como por exemplo, a formação acadêmica. Durante a sua formação, o docente precisa iniciar seu preparo para trabalhar com a diversidade de alunos que encontrará em sala de aula, estando apto a atuar de forma a contemplar as especificidades de cada um. Nesse sentido, Marchesi (2004) defende a ideia de que pouco se pode avançar em termos de inclusão se o docente não adquirir habilidades suficientes para ensinar todos os seus alunos.

Dentre tantas, uma importante função docente é a do preparo da vida cidadã do aluno, auxiliando sempre no seu desenvolvimento, superando as dificuldades no percorrer do caminho e dando suporte no tocante às suas potencialidades individuais. Para tal, é necessária uma preparação pedagógica pautada na valorização das diferenças.

O envolvimento ativo do aluno é de suma importância para que a escola consiga ajudar o aluno na consolidação da sua cidadania (SANTOS, 2010, pág. 32). O docente precisa estar orientado e em constante processo de reflexão sobre o tema, pois a ausência da noção clara sobre seu papel, o processo de inclusão torna-se ineficaz, em consequência disso, a formação cidadã do aluno fica comprometida. A cidadania só pode ser exercida plenamente se o cidadão ou cidadã tiverem acesso ao conhecimento e isso não significa apenas informações (Chassot, 2014).



O contato com a diversidade está presente em todas as relações humanas, inclusive na vida educacional. Desde de sua formação inicial, o docente precisa ter consciência disso, buscando estar preparado para conseguir atender as necessidades dos alunos em sala de aula, pois, afinal de contas, a sala de aula é um dos espaços de desenvolvimento de potencialidades. Seguindo essa linha de raciocínio, Silva alega que

É preciso que as instituições reformulem o currículo e incorporem novas práticas de forma a possibilitar aos docentes a apropriação das habilidades necessárias para lidar com os desafios dessa realidade. Não basta obter conhecimento acerca da disciplina que irá trabalhar, é necessário que o profissional se sinta seguro, com domínio de estratégias para solucionar conflitos, criatividade para fazer adaptações da metodologia e assim fazer da sala de aula um espaço de desenvolvimento (2012, p. 18).

Em consequência de uma boa formação, a sociedade passará a contar com um docente apto a enxergar as peculiaridades do aluno com necessidades educativas especiais (NEE). Como Beyer (2013) defende, as expectativas do docente sobre os alunos revelam-se tanto em suas atitudes como na sua prática docente.

Para a compreensão do que vem a ser a Educação Inclusiva (EI), é necessário que se entenda o processo de inclusão, que se dá através da compreensão da diferença/individualidade do sujeito. A inclusão aqui defendida, vai ao encontro com a concepção de Sá (2002), que é o acesso e compreensão do conteúdo curricular, indo além da inserção física do aluno com NEE em sala de aula.

Essa pesquisa foi desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás – Campus de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo, na cidade de Anápolis, buscando compreender como é oferecida a formação para a prática educativa inclusiva no curso de Química Licenciatura da referida universidade.

Material e Métodos





A pesquisa realizada teve cunho qualitativo, foi feito um levantamento bibliográfico a respeito do tema para assim imergir no referencial teórico e identificar as categorias de análise.

Na coleta e construção dos dados, foram utilizados questionários abertos e fechados, entrevistas estruturadas e semiestruturadas, análise de discurso de grupos focais, análise do plano político pedagógico do referido curso.

Para a análise dos dados quantitativos, os mesmos foram tabulados por meio de quadros e gráficos e para os dados qualitativos utilizar-se-á a análise do discurso. Através das análises dos discursos, criamos categorias para melhor identificar as representações ideológicas e/ou os conhecimentos em relação ao tema.

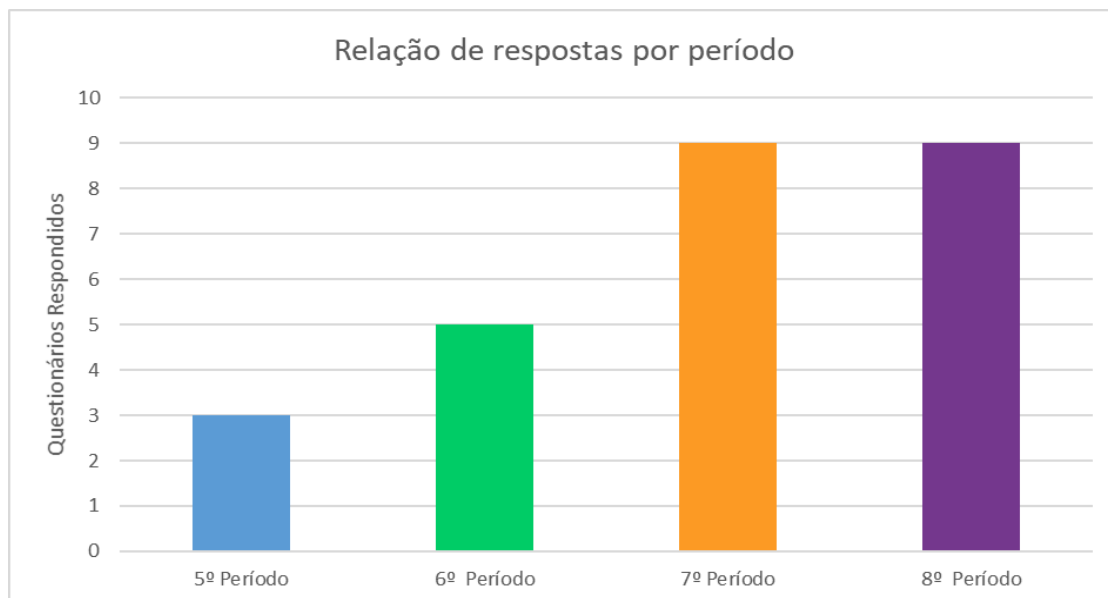
Optamos em analisar um questionário que foi respondido por 26 licenciandos, a partir do quinto período do curso de Licenciatura em Química (Matriz 2015/1) da UEG – CCET. A opção de limitar o questionário aos licenciandos a partir do sexto período do curso, se deu pela justificativa de que os mesmos estão o mais próximo de se formarem e passarem a ter um contato mais frequente com as salas de aula. O referido questionário foi montado eletronicamente e enviado por e-mail.

Resultados e Discussão

A partir das análises oriundas das respostas dos licenciados no questionário, que continha questões abertas e fechadas, foi possível avaliar a visão dos mesmos diante da temática Educação Inclusiva. Percebe-se, pela leitura das respostas dadas, vários graus de consciência dos interpelados, no tocante à educação inclusiva. O gráfico a seguir demonstra a quantidade de licenciandos, que responderam o questionário, por período.



Gráfico 1: Relação de respostas por período.



Diante do gráfico, percebe-se que grande parte das respostas foi dada por alunos do curso que estão nos últimos períodos da graduação. Alunos que estão prestes a entrar no mercado de trabalho e lidar com uma série de fatores relacionados com a diversidade.

Com o intuito de mapear a opinião dos participantes da pesquisa, a seguinte pergunta foi feita aos participantes: *“A fundamentação teórica oferecida no curso de Licenciatura em Química foi suficiente para a sua preparação para o exercício da docência, em relação a alunos com necessidades educacionais especiais?”*.

A essa pergunta, cinco participantes foram bem categóricos e responderam “não”, sem nenhum tipo de ressalva. No entanto, apesar de não se sentirem preparados, alguns participantes trouxeram algumas considerações importantes, como é o caso dos que responderam das seguintes formas:

“Não, tivemos acesso a discussões sobre o assunto e um certo embasamento na matéria de Libras, mas não o suficiente para uma preparação para atuar em sala de aula.”



“Não. Não há professores nessa área, apenas os que se "aventuram", então para mim, não há uma preparação. É claro que aprendemos um pouco de libras, conversam com a gente, É o primeiro passo, mas sinto falta de uma conversa mais profunda. ”

“Não é suficiente. Digo que apenas a disciplina de libras que nos ajudou muito, mas sem a prática nos esquecemos tudo. ”

Verifica-se, dessa forma, que os futuros docentes não se sentem preparados para atuar com alunos com necessidades educativas especiais, quando consideram a formação acadêmica ofertada pelo curso. Um ponto interessante a ser destacado é a falta que um dos participantes alegou sobre a falta de profissionais especializados na área da inclusão.

Outro aspecto interessante referente às respostas oriundas desse questionamento é o fato de que 34,6% das respostas faziam referência à disciplina Libras. Demonstrando assim que a inclusão, em suas concepções, está relacionada com questão da deficiência auditiva. O que não é de se estranhar, haja vista que essa é a única disciplina que aborda a temática da inclusão, mesmo que de modo superficial e breve.

Quando questionados sobre onde os alunos com NEE, em suas opiniões, deveriam estar inseridos, em uma escola de ensino regular ou especializada, as respostas obtidas conseguiram ficar bastante equilibradas. Fato esse que pode ser melhor exemplificado através das seguintes respostas selecionadas.

“Escola especializada, pois a escola regular e seus professores não estão preparados para receber estes alunos. ”

“Regular, desde que essas escolas possuam professores qualificados para acompanhamento desses alunos. ”



“Eu acredito que em escolas especializadas, mas estas escolas deveriam ser oferecidas para toda a sociedade, não para uma pequena parte como é a realidade. Além de que necessitaria de mais professores capacitados. Isso torna a situação um tanto complexa.”

“Escola Regular. Porque eles são alunos e seres humanos como qualquer outro. E devem ser inseridos na realidade escolar, para que não somente eles aprendam a viver em sociedade, como os outros alunos que não necessitam de atividades escolares especiais, aprendam a viverem e comunicarem com esses alunos especiais.”

“É uma questão um tanto complexa, uma vez que os alunos com necessidades educativas especiais, na maioria das vezes, não recebem a assistência necessária na escola regular, não sendo incluídos nas atividades escolares. Já numa escola especializada os alunos receberiam todo o auxílio possível, contudo em relação a escola regular, seria como um certo tipo de exclusão.”

“Acredito que devem estar inseridos na escola regular. Afinal, onde estaria a inclusão verdadeira se fosse necessária uma escola especializada para alunos com deficiência!?”

Diante das falas, percebe-se que o ponto central das respostas está relacionado com a capacitação do docente que irá trabalhar com alunos que experimentam algum tipo de necessidade especial. Demonstrando assim, que possuem consciência da necessidade de uma capacitação maior. O que está de acordo com a questão analisada anteriormente, onde os mesmos afirmam não se sentirem preparados para exercer uma educação de modo inclusivo.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que alguns participantes conseguiram sair da esfera metodológica da educação inclusiva, conseguindo atingir a esfera política da mesma. Isso pode ser evidenciado quando defendem a ideia do aluno com NEE estar em contato com os alunos tidos como normais, pois, segundo os participantes, isso contribuirá para a diminuição da barreira existente entre eles.



Por fim, a última questão escolhida para a análise, traz uma informação um tanto quanto preocupante. Dentre todos os acadêmicos participantes desse estudo, 26 ao total, apenas um cursou uma disciplina cuja a temática central era a educação inclusiva. Isso talvez seja reflexo de uma matriz curricular que não ofereça disciplinas que envolvam a inclusão, tanto que o único participante que fez uma disciplina nessa temática, teve que recorrer a outro curso da universidade.

Considerações Finais

Percebe-se que ainda há um grande caminho a ser percorrido no que diz respeito a formação de professores de Química na Universidade Estadual de Goiás - Anápolis para uma educação que contemple a diversidade, de modo a minimizar o processo de exclusão gerada por, entre tantos outros motivos, despreparo docente.

A ausência de professores que trabalham diretamente com essa temática também é um agravador da situação, haja vista a escassez de disciplinas oferecidas no curso.

É preciso transpor as questões metodológicas da inclusão, é preciso compreender o sentido político da mesma, apenas dessa forma, estaremos contribuindo para que a sociedade se torne mais contemplativa e a exclusão vá, aos poucos, perdendo as cores que possui na atual fotografia social.

Agradecimentos

Universidade Estadual de Goiás/VIC. Pró-reitora de Pesquisa Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em Ensino de Ciências.

Referências

BEYER, Hugo O. **Inclusão e Avaliação na escola especial: de alunos com necessidades educativas especiais**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. 128 p.



CARNEIRO, R. U. C. Educação Inclusiva: desafios da construção de num novo paradigma. In: VIVEIRO, A. A.; BEGO, A. M. O Ensino de Ciências no Contexto da Educação Inclusiva. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. cap. 2, p. 31-39

CHASSOT, Attico. ***Para que(m) é útil o ensino?***. 3ª Ed. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2014. – 102 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

LAKATOS, Eva e Marconi, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. SP: Atlas, 1992.

MALDANER, Otávio Aloísio. A formação inicial e continuada de professores de química: Professores/pesquisadores. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2013. 424 p.

MARCHESI, Álvaro. A prática das escolas inclusivas. In: **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. ***Cultura, poder e educação de surdos***. – Manaus : Universidade Federal do Amazonas, 2002. – 388 p.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. ***Educação em química: compromisso com a cidadania***. -4 Ed. Ver. Atual. Ijuí: Unijuí, 2010. – 160 p.

SILVA, Margaret do Rosário. **Dificuldades enfrentadas pelos professores na educação inclusiva**. 2012.

VEIGA, lima P.A. e CARVALHO, M. Helena S.O. ***A formação de profissionais da educação***. In: MEC. Subsídios para unia proposta de educação integral à criança em sua dimensão pedagógica. Brasília, 1994.

VEIGA, Ilma P. Alencastro (coord.). ***Repensando a didática***. Campinas/SP: Papirus, 1991.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 159 p.